

Pedro Miguel Lamet

PARA ALCANÇAR AMOR

Inácio de Loyola
e os primeiros jesuítas



EDITORIAL A.O.

Título original

Para Alcanzar Amor

Ignacio de Loyola y los primeros jesuitas

© Pedro Miguel Lamet Moreno, 2021

© La Esfera de los Libros, S.L., 2021

Madrid – Espanha

ISBN: 978-84-9164-974-8

Tradução

Ana Corrêa da Silva

João Azevedo Mendes

Na Capa

Santo Inácio de Loiola (pormenor)

Peter Paul Rubens (1600)

Capa

Romão Figueiredo

Paginação

Editorial AO

Impressão e Acabamentos

Publito, Estúdio de Artes Gráficas

Depósito Legal n.º

506437/22

ISBN

978-972-39-0948-7

Outubro de 2022

Com todas as licenças necessárias

©

SECRETARIADO NACIONAL DO APOSTOLADO DA ORAÇÃO

Rua S. Barnabé, 32 – 4710-309 BRAGA | Tel.: 253 689 443

livraria.apostoladodaoracao.pt | livros@snao.pt

www.redemundialdeoracaodopapa.pt

Agradecimento e Convite

Quem pegar neste livro receba-o como um presente, uma graça e um desafio. Tem na mão uma nova e mais completa biografia de Santo Inácio de Loiola. E o título, *Para Alcançar Amor*, é o da última contemplação proposta aos exercitantes nos *Exercícios Espirituais* inacianos. Esse ponto alto não só completa e resume o tempo forte dessa peregrinação interior como lança para a vida quotidiana a experiência, o estilo e os objetivos alcançados no caminho inaciano.

Inácio de Loiola fala de si mesmo como «O Peregrino». A sua vida, os seus escritos e obras fazem parte do apelo com que nos convida a encontrar a vontade de Deus. Isto toca e tocou, particularmente, aqueles e aquelas que desde o princípio desejaram seguir Inácio e com ele foram fundadores da Companhia de Jesus. Sublinhá-lo faz parte da novidade desta biografia.

Pedro Miguel Lamet, jesuíta, poeta, jornalista, ensaísta, etc., é bem conhecido, mesmo em Portugal, pela sua rica e variada produção literária. Agora com *Inácio e os primeiros jesuítas*, o Autor celebra e divulga o assim chamado *Ano Inaciano*, que comemora os 500 anos da conversão de Inácio em 2021 (21 de fevereiro), bem como os 400 anos da sua canonização, a 12 de março de 2022.

Pedro Lamet constrói esta biografia de um modo atraente e fluido, simultaneamente rigoroso e criativo. Põe Pedro Ribadeneira, companheiro de casa em Roma, a contar a história de vida de Inácio, seu mestre e amigo íntimo. De facto, o padre Ribadeneira foi o primeiro biógrafo de Santo Inácio, biografia publicada em latim em 1572. Inácio morreu em 1556. A relação dos dois é comovente, profunda e divertida. Vale a pena conhecê-la.

Pedro Ribadeneira, de uma família de Toledo, veio a Roma como um jovem pajem do cardeal Farnese. Um dia, passeando na cidade, lembrou-se de bater à porta dos jesuítas. Foi Inácio que abriu. Ele, atrevidamente, queria conhecer aquele Mestre e ficar. Admiravelmente, assim aconteceu: foi admitido na Ordem, tinha 15 anos, em 1541. A Companhia de Jesus foi fundada em 1540, por aprovação papal. Podemos imaginar todo um caminho de formação e de convívio nessa primeiríssima comunidade. Ribadeneira ia tomando notas do quotidiano, ouvindo histórias dos primeiros companheiros e tinha acesso a memórias do P. Luís Gonçalves da Câmara, português, a quem, nos últimos anos da sua vida, Inácio, passeando, foi contando a sua história: quase ditando a sua própria *Autobiografia*.

Este livro é um raro presente. Agradecemos a Pedro Lamet o imenso cuidado e amor que pôs nesta obra. Agradecemos ao P. António Valério, sj, Diretor da Editorial Apostolado da Oração, o imediato desejo de publicar a versão portuguesa. E agradecemos aos tradutores, Ana Corrêa da Silva e João Paulo Azevedo Mendes, o empenho e a disponibilidade manifestada.

Um abraço a todos e a cada leitor, agradecido a Deus Nosso Senhor, para quem tudo converge.

Vasco Pinto de Magalhães, sj

*Porque não é o muito saber que farta e satisfaz a alma,
mas o sentir as coisas internamente.*

*O amor deve manifestar-se mais nas obras
do que nas palavras.*

*Empregar todos os meios como se tudo dependesse de si próprio,
mas confiando totalmente em Deus, porque tudo depende d'Ele.*

Inácio de Loiola

*E tu que subiste ao grau de honra
a que a pena sagrada pode aspirar,
ilustre Ribadeneyra, Lívio Santo,
honra os versos do meu humilde canto.*

Lope de Vega
(sobre Pedro de Ribadeneira)

Pajem de um cardeal

Olhar para um rio é contemplar o tempo no curso da água, voltar às suas nascentes, remar com os remos da imaginação até à sua foz, onde se perde para se fundir com o mar. Olhar para um rio é meditar sobre a vida e evocar a nossa transitoriedade com o grego Heráclito e o nosso esvaziamento nos versos de Jorge Manrique. Fiquei em êxtase quando voltei a contemplar o meu rio na ponte árabe de Alcántara, após regressar a Toledo depois de tantos anos. Como era inocente e travesso aos catorze anos, quando o deixei, e como era alheio ao que me esperava na vida naquela data memorável! No entanto, o meandro do Tejo continua a abraçar a cidade imperial como se o tempo não tivesse passado, como se, indiferente, não percebesse o meu olhar atual, mais velho, mais cansado.

Olhando para trás, interrogava-me repetidamente: será que um biógrafo pode captar a alma secreta do seu personagem? Mesmo no meu caso, tendo-me relacionado com ele desde criança, amando-o e venerando-o, poderá um homem conhecer plenamente outro homem? Segundo a minha experiência, os seus feitos exteriores, os seus escritos mais íntimos, a coleção das suas cartas, as suas obras permitem, sem dúvida, que nos aproximemos dele. Mas quem poderá entrar a fundo no mistério de uma alma, nos espaços mais recônditos de uma vida, nas suas horas de solidão e de sofrimento, de dúvida e de medo, no vazio ou na plenitude de uma existência? Quem poderá passar ao papel um só dos seus sentimentos de amor, de busca e de encontro? Em especial quando, como é o meu caso, pretendo

escrever a vida de um guia de almas, de um fundador, de um pai e inclusive de um místico que mergulhou no mistério e viajou até aos arcanos infinitos.

Fazia-me estas e outras perguntas diante das pedras douradas e do correr das águas límpidas do rio Tejo, ao regressar à minha terra natal, Toledo. Tudo parecia novo e diferente. Quantos anos passados, experiências acumuladas, viagens e encontros que marcaram desde então sulcos de vida no meu rosto!

Não tinha feito ainda catorze anos quando a belíssima imperatriz Isabel de Portugal deixava este mundo. Ninguém queria acreditar. Loira, esguia, etérea como um querubim, parecia incorruptível. Corria o ano de 1539 e, com a minha mãe, acotovelávamo-nos no meio da multidão que, desde antes do amanhecer, enchia as ruas próximas para assistir à saída do féretro. Um tremor de anjos silenciosos embriagara, imagino, o palácio de Fuensalida quando Dona Leonor, esposa de Francisco de Borja, duque de Gandía e marquês de Llombay, untava o cadáver com unguentos e perfumes e o amortilhava com o hábito franciscano. Isabel tinha pedido que somente ela, sua amiga portuguesa de infância e camareira-mor, tocasse no cadáver.

De acordo com as suas últimas vontades, a imperatriz não foi embalsamada. Às três da tarde, o féretro deixou o palácio perante os olhares atónitos do povo de Toledo, enquanto o cardeal, o corregedor e os membros da Câmara esperavam a sua chegada na praça do Conde. Trinta e dois Grandes de Espanha¹ levavam o ataúde aos ombros, juntamente com os mordomos do casal imperial e os duques de Gandía, e entregaram-no ao corregedor. O féretro de chumbo encerrado num caixão de madeira, coberto por um pano preto com uma cruz de veludo púrpura, foi levado em procissão até esta ponte de Alcántara. Passaram em frente às igrejas de São Tomás e de São Salvador, desceram pela Trindade e outras quatro ruas.

¹ *Grande de España*: título nobiliário regulamentado pelo rei Carlos I no século XVI. Na hierarquia da nobreza espanhola situa-se imediatamente depois dos títulos de *Príncipe das Astúrias* e de *Infante de Espanha*. [N. E.]

O Tejo impregnava de um silêncio húmido aquele entardecer de maio unguado de tristeza. Todos os estamentos, como a minha mãe me descrevia apontando-os com o dedo, estavam representados naquele cortejo silencioso: cabido, confrarias, capelães moçárabes, padres, beneficiários, ordens e conventos. O passo marcial da guarda do imperador guardava o cadáver juntamente com os pajens do príncipe, que levavam tochas em chamas, com as maçãs e as cruzes de guia do cardeal e do imperador. Logo atrás dos restos mortais vinha Valdés, capelão da imperatriz, bispo eleito de León. Seguia-o o príncipe Filipe e, a seu lado, o cardeal Tavera, visivelmente afetados. Atrás, junto com outros nobres, caminhava direito, mas pálido como a cera, o marquês de Llombay, estribeiro-mor da imperatriz, que naquele dia festejava o décimo aniversário do seu casamento, o mesmo número de anos que passara ao serviço de dona Isabel.

– Olha, Pedro, é Francisco de Borja, duque de Gandía, grande de Espanha – disse-me a minha mãe ao ouvido.

O meu pai, Álvaro Husillo Ortiz de Cisneros, morrera há quatro anos, quando eu tinha apenas dez anos. Naquela época, a minha mãe, Catalina de Villalobos, que dera à luz três filhas antes de mim, subsistia com escassos bens da fortuna. Para que eu viesse a este mundo, fez uma promessa a Nossa Senhora de que, se conseguisse ter um filho, este seria seu capelão. Devo acrescentar um dado que mantive em segredo toda a minha vida: o meu pai, que fora provedor da câmara de Toledo, e toda a minha família Husillo eram judeus conversos, cristãos novos que ainda hoje, como irei contar, não são bem vistos pelos nossos contemporâneos, embora o padre Inácio sempre tenha defendido o privilégio de levar nas veias o mesmo sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Quem me diria nessa altura que aquele ilustre Borja, que vi pela primeira vez nas ruas de Toledo, seria mais tarde o sucessor de Inácio de Loiola no governo da Companhia de Jesus e me confiaria a mim, Pedro de Ribadeneira, a exigente missão de escrever a primeira biografia do nosso pai e fundador?

Ao chegar à ponte de Alcántara, o cortejo fúnebre parou. Esperavam-no ali as damas da imperatriz com a cabeça inclinada e véus

de luto. A marquesa de Llombay, a condessa de Faro e outras damas receberam o corpo imperial e colocaram a liteira sobre duas mulas negras com selas e arreios de tecido dourado e carmesim.

Um curioso perguntou a outro transeunte:

– Por que motivo os jerónimos do mosteiro de Sisle não vão no cortejo?

– Porque dizem que o imperador se encontra ali retirado.

Com efeito, dom Carlos não quis ver a sua esposa morta. Avisados com urgência do agravamento do estado de saúde de dona Isabel, o imperador e o príncipe Filipe não chegaram a Toledo a tempo de a ver viva. Carlos quis guardar na sua mente a memória do amado e belo rosto vivo, pelo que, contornando o Tejo, encerrou-se no mosteiro e enviou o jovem príncipe Filipe. Pelo contrário, Francisco de Borja não se separou por um momento do cadáver coberto.

Os sinos de Toledo e os cantos fúnebres ressoavam na paz do entardecer e as águas do rio, que pareciam arrastar para Lisboa os lamentos pela loira portuguesa que tinha levado Espanha a enamorar-se dela, davam o seu último adeus à negra carruagem imperial enquanto esta atravessava lentamente a ponte, até se perder nas colinas atrás do rio. Na catedral de Granada, perante a descoberta da podridão do outrora belo rosto e da brevidade da vida, Francisco amadureceria a decisão de «servir um senhor que não possa morrer» e converter-se de grande de Espanha num humilde e austero jesuíta.

Precisamente naqueles dias tinha chegado a Toledo para assistir aos funerais outro príncipe, neste caso da Igreja, o cardeal Alessandro Farnese, acompanhado por um brilhante cortejo. A sua sotaina e barrete vermelhos emolduravam um rosto pálido cercado por cabelos e barba muito pretos. Em Toledo, todos falavam dele: neto de um papa, Paulo III, era filho do duque de Parma, Pier Luigi Farnese; a sua mãe, Girolama Orsini, não era de uma família menos ilustre. Bem estabelecido em Roma pelo nepotismo patente do avô, com múltiplos cargos, cedo lhe foram confiadas importantes missões diplomáticas, como preparar alianças contra os turcos e mediar a paz entre Francisco I e Carlos V. Neste caso, o pretexto foi apresentar as suas condolências ao imperador pela morte da sua esposa, mas na

realidade, como soube mais tarde, o seu verdadeiro propósito era propor, sem sucesso, o casamento do recém-viúvo Carlos V com a princesa Margarida de França para aliviar a tensão franco-imperial. Como se Carlos estivesse com ânimo para pensar noutra casamento naquele momento!

O cardeal Farnese estava hospedado em Toledo no palácio do núncio, que ficava mesmo em frente da minha casa. E um dia lembrei-me de desafiar outros adolescentes, meus companheiros, para uma travessura:

– Porque não nos misturamos com os pajens do cardeal e o conhecemos de perto?

Assim fizemos e o cardeal italiano notou-me:

– E quem és tu? Nunca te tinha visto.

Contei-lhe com o maior atrevimento como me tinha misturado com os seus pajens para o conhecer. Isso fez com que simpatizasse comigo e, pouco tempo depois, não sei o que vendo em mim, propôs-me que fosse com ele para Roma como seu pajem, de modo a assegurar-me um futuro. A minha mãe viu o céu aberto com esta proposta, porque, além de me facilitar uma carreira, era um caminho para pôr ordem nas minhas travessuras que a faziam perder a cabeça, como a Cedillo e a Venegas, meus professores de gramática. E eu, ainda que me custasse deixar a minha família, via na proposta do cardeal uma excelente oportunidade para descobrir novas paisagens e aventuras.

Vós, Senhor, fizestes – escreveria mais tarde nas minhas *Confissões* – que ele me visse servir à sua mesa e simpatizasse comigo, e pediu assim à minha mãe para me levar para Roma, prometendo fazer de mim um grande homem, como ele dizia, e que a minha mãe, pelo desejo que tinha de me ver clérigo, aceitasse e me mandasse tão jovem e com gente desconhecida e estrangeira, numa época em que o caminho de Espanha a Roma era pouco frequentado; porque a minha partida foi no mês de maio de 1539, e fiz a minha viagem com grande comodidade e facilidade. Cheguei a Roma nesse mesmo ano e vivi no palácio do cardeal, que naquela época era quem tinha mais poder, a par do Papa.

Depressa esqueci as lágrimas da despedida, à medida que os meus olhos brilhavam durante a longa jornada pelas diferentes terras de Espanha, França e Itália, e sobretudo com a descoberta de Roma. A Cidade Eterna surgiu aos meus olhos adolescentes como uma mistura de arte e caos, carruagens de príncipes e carroças de forragens, crianças esfarrapadas e mármore reluzentes. O cheiro das floristas de rua contrastava com o fedor da urina, galinhas e cavalos; e a magnificência dos cardeais com a pobreza do povo, ao lado de prostitutas lívidas e mal pintadas. A minha curiosidade juvenil devorava tudo o que acontecia naquele labirinto de mármore, choças e bancas de vendedores de rua.

Procurei realizar o meu trabalho de pajem com o maior brio possível, embora, dada a minha idade e carácter, o tenha acompanhado com muitas travessuras e zaragatas. Nem sequer a presença do próprio Papa conseguia retrair-me. Uma noite, durante uma festa no palácio Farnese, segurava uma tocha para iluminar o cardeal quando, de repente, outro pajem fez-me uma careta e eu parti-a na sua cabeça. Noutra ocasião, durante a festa da Candelária, quando o Papa distribuía círios benzidos, em vez de beijar o seu pé, como está prescrito, beijei diretamente a sua mão. Felizmente, o cardeal achava graça a estas tropelias e não me dispensou do seu serviço. A minha mãe, que me conhecia muito bem, escreveu ao meu tio, irmão do meu falecido pai, o famoso doutor Ortiz, em Roma, pedindo-lhe que me vigiasse e me repreendesse se fosse necessário. Pedro Ortiz era então um espanhol influente, pois tivera uma cátedra em Salamanca e servia como agente imperial em Roma contra o divórcio de Henrique VIII. O meu tio dera uma volta à sua vida através do contacto com Inácio, de quem desconfiara quando os dois se conheceram na Universidade de Paris, como contarei na altura adequada.

Um dia, o doutor Ortiz passeava comigo pelas ruas de Roma e assinalou-me a casa do padre Inácio, recomendando-me encarecidamente que me desse com ele.

– Não te arrependerás, rapaz – disse-me.

Mas esqueci-me desta recomendação, até que um dia, acompanhando o cardeal Farnese, saí para dar um passeio pelo campo.

De repente, vi a ocasião propícia para escapar do cortejo do cardeal e andar mais livremente, satisfazendo a minha curiosidade, pelas animadas ruas de Roma, cheias de mendigos, soldados e mercadores. Um espetáculo extraordinário para a minha curiosidade. Passei um ótimo dia. Mas escureceu e pensei: como é que apareço agora ao cardeal? Que reprimenda! Lembrei-me da casa de Inácio e, depois de me benzer, bati à sua porta, com tanta sorte que foi o próprio quem veio abri-la.

– O que queres, rapaz?

– Gostaria de ver o padre Inácio de Loiola.

– Sou eu. Como te chamas?

– Pedro – respondi.

No futuro, Inácio e os companheiros sempre me chamariam Pericco. O apelido que utilizo, de Ribadeneira, vem dos meus antepassados maternos, da Galiza, da Riba de Neira.

Surpreendeu-me a calva reluzente e o perfil marcado daquele homem, a quem os seus amigos mais próximos continuavam a chamar Íñigo. Destacava-se a sua calva com as têmporas escarpadas e retas. Um pequeno bigode unia-se a uma barba rala, sombreando a boca e o queixo. Naquela altura, eu não sabia bem como formular o que via. Com o tempo, compreendi que nos seus lábios se adivinhava fineza e uma rara mistura de carnalidade e espírito, fogo e palavra. Mas o que mais me impressionou foram os seus olhos grandes, cheios de pálpebra, profundos, cansados e, ao mesmo tempo, luminosos, como se a vida dominasse a dor. Com o passar dos anos, cheguei à conclusão de que era um homem diferente, que parecia estar e não estar.

A minha intuição dizia-me que podia abrir-me com ele e com espontaneidade adolescente contei-lhe detalhadamente as minhas aventuras. Inácio sorriu, levou-me ao refeitório para jantar e deixou-me dormir ali naquela noite. No dia seguinte, informou o cardeal Farnese do sucedido e devolveu-lhe o pajem, até que eu, impressionado com o acolhimento daquele homem santo e a agradável conversa com os seus companheiros, pensei em ir viver com eles.

Todos tentaram tirar-me esta ideia da cabeça. «São quimeras de

um rapaz», diziam. Mas eu, decidido, fui à casa de Inácio e pedi para entrar na sua Companhia com os meus imberbes quinze anos de idade. Parecia uma loucura, ainda mais nessa época, quando a ordem precisava de homens feitos, cultos e bem formados. Mas, graças àquela chispa de intuição que caracterizava o mestre Inácio, ele adivinhou que eu não só iria integrar-me entre eles, como poderia também fazer algum bem no futuro. E assim, em pouco tempo, tornei-me o mais jovem da casa.

Entre na Companhia em 18 de setembro de 1540, exatamente nove dias antes de o Papa aprovar a nova Ordem. Quem poderia dizer que aquele adolescente seria o primeiro biógrafo do fundador, chegando a ser conhecido naquele tempo como escritor e, sobretudo, como um seu querido filho e amigo? Um jesuíta que realizaria tarefas delicadas, como assistir a rainha Maria de Inglaterra na sua doença em Londres e trabalhar em Pádua, Palermo, Roma, Toscana, Sicília e Espanha em vários e importantes cargos de responsabilidade, que me permitiram conhecer a fundo o trabalho da Companhia.

Mas o que me interessa salientar aqui é a publicação, após várias traduções de outras obras, da primeira versão latina da minha *Vida de Ignacio de Loyola*, escrita em Toledo, publicada em 1572 e, na sua versão espanhola, impressa em 1583, que eu iria rever e corrigir anos depois. Com o amor de um filho, tinha-me vindo a preparar recolhendo dados, factos e ditos do nosso pai, parte em latim e parte em espanhol, compilados em *De actis Patris nostri Ignatii*, entre os anos 1559 e 1566. Documentava-me minuciosamente, tentando ser fiel à história, como me esforcei por fazer noutras obras posteriores. Mas não posso negar que aquela obra dedicada a Inácio é o meu livro mais querido, porque me brotou do coração. Fiz constar isso mesmo no prólogo:

Este é um piedoso e devido agradecimento, uma saborosa memória e doce recordação daquele bem-aventurado homem e meu pai que me engendrou em Cristo, que me criou e me sustentou, por cujas piedosas lágrimas e ardentes orações confesso ser o pouco que sou... Vou contar o que eu mesmo ouvi, vi e toquei com as mãos sobre o nosso

padre Inácio. Em cujos peitos fui criado desde a minha infância e tenra idade... Dentro e fora de casa, na cidade e fora dela, não me afastava do seu lado, acompanhando-o, escrevendo e servindo-o em tudo o que podia, observando os seus movimentos, palavras e ações.

Embora no início o padre Inácio tivesse de suportar alguns dos meus disparates, como a nuvem de poeira que o novo noviço levantava ao varrer, o desastre da minha primeira tortilha queimada num dia em que tínhamos um convidado em casa, os meus ruidosos saltos ao descer as escadas de três em três degraus e alguns caroços de azeitona ou de cereja que acabaram na calva do fundador, eu sabia que ele gostava de mim, apesar das suas reprimendas, enquanto assegurava aos outros padres:

– Vereis como este Perico dará boas peras.

Um dia, enquanto caminhávamos pelo jardim, ele perguntou-me:

– Que pensas sobre isto, Pedro? Em que consiste ser um secretário?

– Penso que consiste em saber guardar bem os segredos.

– Pois a partir de agora serás o meu secretário.

Assim, comecei a trabalhar ao serviço de Inácio como amanuense, copiando cartas e circulares ou corrigindo cuidadosamente erros e incorreções nos escritos. Não foi em vão que sempre gostei de cultivar a língua, principalmente o castelhano. Como secretário, fez-me, como já disse, seu confidente. Íamos juntos ensinar catecismo às crianças ou tomar ar ao campo. Um belo dia atrevi-me a falar com ele de algo em que reparara há muito tempo: o italiano do nosso Padre, aprendido mal e já com uma certa idade, era limitado, enquanto eu o dominava bastante bem, graças à preparação recebida durante os meses que vivi no palácio Farnese.

– Se vossa paternidade melhorasse o seu italiano – disse eu – penso que daria mais fruto por o entenderem melhor.

– Tens razão, Perico. Peço-te que estejas atento a todas as minhas faltas e avisa-me para que eu possa corrigi-las – respondeu Inácio com humildade.

Eu assim fiz, chegando a tomar nota das suas incorreções com papel e tinta. Até que percebi que era preciso corrigir quase todas

as palavras que ele dizia em italiano e adverti-o disso. Ele respondeu com mansidão:

– Que podemos fazer, se Deus assim o quer?

Queria dizer que Nosso Senhor não lhe tinha dado mais capacidade: tinha de se contentar em servi-lo assim.

Além desta minha rica experiência de testemunha, recorri também a algumas contribuições dos meus companheiros. Sem dúvida, a mais importante é a própria *Autobiografia* de Inácio. Tanto Jerónimo Nadal, natural de Mallorca, como o secretário da Companhia, Juan Alfonso de Polanco, de Burgos, estavam empenhados em que o fundador nos contasse a sua vida. Ambos, como eu próprio – aliás, o sangue judeu dos cristãos novos corria nas veias de nós os três, o que, como acabei de dizer, não é exatamente uma ajuda nos tempos que correm – tínhamos muita confiança com o nosso Padre. Nadal insistiu uma e outra vez. Com este objetivo, recorreu ao português Luís Gonçalves da Câmara para o convencer de como era importante, para a jovem ordem religiosa, que Inácio narrasse as vicissitudes da sua vida.

Durante uma tarde de confidências, passeando pela horta, Inácio refletiu sobre esta possibilidade e disse durante o jantar:

– Ao recolher-me no meu quarto, mestre Gonçalves, senti inclinação e devoção para o fazer. Começaremos em breve.

Assim, em setembro de 1553, conta Gonçalves, «chamou-me e começou a contar-me toda a sua vida e as suas travessuras de rapaz, clara e distintamente, com todas as circunstâncias, e depois chamou-me três ou quatro vezes no mesmo mês e chegou na história até se encontrar em Manresa há alguns dias».

O português disse-me:

– O modo de contar do nosso Padre é o mesmo que usa em todas as coisas. Com tanta clareza que parece fazer presente tudo o que é passado. Eu transcrevia, sem colocar uma palavra da minha mão.

A idade e as doenças impediram Inácio de continuar o seu relato até ao ano seguinte. Nadal voltou a insistir e, recolhidos ambos na chamada Torre Vermelha, onde costumavam reunir-se com este propósito, Inácio continuou a contar a sua vida, cuja transcrição foi finalizada pelo português em Génova, embora essa parte tenha

sido ditada em italiano, por não ter quem escrevesse em espanhol. Gonçalves completou a história com um conjunto de episódios no seu *Memorial*. E tive ainda acesso a todas as recordações do padre Diego Láinez, que se tornaria o primeiro sucessor de Inácio como geral da Companhia.

E assim fiz constar no prólogo da minha biografia: «Como o nosso Padre Inácio...

...tendo terminado a sua oração e consideração, dizendo ao padre Luís Gonçalves da Câmara, com muita ponderação e um rosto celestial, o que lhe pareceu; e o dito padre, quando acabava de ouvi-lo, escrevia-o quase com as mesmas palavras o que ouvira; e tudo isso eu mantenho como então se escreveu. Escreverei também o que soube oralmente e por escrito, do nosso padre mestre Láinez, que foi quase o primeiro dos companheiros que Inácio teve, e o filho mais querido; e por isso, e por ter sido quem mais o acompanhou no início, veio a ter mais comunicação e a saber mais sobre ele; as quais, como meu querido padre, muitas vezes me contou, antes de suceder no cargo a Inácio e depois de ser prepósito-geral.

De tudo isto me servi para escrever a minha *Vida de Inácio de Loiola*. Das cartas que recebi após a sua publicação, guardo uma do eminente escritor Frei Luís de Granada, que entre outras coisas me confessou: «A todos os meus amigos, sem receio de lisonja, disse o que sinto por este livro: nesta nossa língua não vi até hoje um livro escrito com maior prudência e maior eloquência, e maior exibição de espírito e doutrina». São palavras que, vindo de um dominicano – é verdade que, como a Companhia, também o padre Granada foi maltratado pelo nosso mais acerbo perseguidor, Melchor Cano –, têm por isso mais mérito.

Assim, o meu livro mais querido acabou por aparecer nas mesmas datas em que dom Miguel de Cervantes Saavedra lançou *La Galatea*, enquanto o seu *Don Quijote* coincidiria com a publicação da minha obra, *Manual de Oraciones*, que saiu do prelo em 1605. Entre o histórico cavaleiro e gentil-homem que se tornou santo e o personagem

do fidalgo louco que se tornou um cavaleiro errante para *desfazer* agravos, talvez o leitor encontre alguns pontos de contacto neste século povoado por aventureiros, sonhadores e heróis.

Não é aqui o lugar para narrar os meus sofrimentos, trabalhos e lutas desde que fui estudar em Paris, bem como os conflitos que enfrentei em consequência das perseguições à nossa nascente Companhia, como contarei mais tarde. A verdade é que nos últimos anos em que estive em Toledo e Madrid, onde contribuí para a fundação do Colégio Imperial, não gozei de boa saúde devido ao tifo e outras doenças que me mantiveram na cama durante longos dias.

Obcecado pela figura do meu santo Padre Inácio, às vezes, acompanhando as minhas recordações de biógrafo, apareciam-me como em sonhos personagens que moldaram a sua vida e me contavam acontecimentos significativos que marcaram o seu caminho espiritual, episódios de outra biografia, a mais profunda, aquela que os livros não recolhem, porque flui na intimidade da alma com Deus. É verdade que não vou retirar deste novo relato, fruto da sabedoria dos anos, os acontecimentos externos que enquadram essa misteriosa descoberta interior. Mas, mais do que isso, e depois de ter escrito os acontecimentos da vida de Inácio de Loiola, proponho-me tentar abrir para ti, caro leitor, o livro da sua alma. Não é uma tarefa fácil, pois cruzam-se no seu perfil a introspeção de um homem de profunda interioridade, a força de um sonhador, a contemplação de um místico, a racionalidade de um estratega e o impulso de um pedagogo. Pois bem, verdade seja dita: até para mim, seu discípulo e amigo, Inácio de Loiola continua a ser um mistério. Sem dúvida, alguns acusar-me-ão de ter engrandecido a imagem do meu santo Padre, até mesmo de ter ocultado ou deturpado, por causa do processo de canonização, alguns aspetos da sua vida. Espero satisfazer nestas páginas esse possível vazío.

Não sei se este manuscrito chegará a ser publicado algum dia, mas a minha pena, depois de ter cansado os prelos com tantos livros e biografias, precisava de voltar a expressar-se no final dos seus dias. Que o leitor seja benevolente com este escritor enfermo.

Índice

<i>Agradecimento e Convite</i> – Vasco Pinto de Magalhães, sj	5
1. Pajem de um cardeal	9
2. Um vale na infância	21
3. Fervia-lhe o sangue	31
4. A primeira derrota	41
5. Cavaleiro e gentil-homem	57
6. Castela, um vulcão	75
7. A pólvora de Deus	87
8. Sabores da alma	101
9. Velada de armas	123
10. O homem do saco	141
11. Leve de bagagem	161
12. Na terra de Jesus	179
13. Primeiras letras	193
14. Universidade de Cisneros	205
15. Cadeias de liberdade	225
16. Sedutor em Paris	241
17. Amigos no Senhor	271
18. Neve, guerra, heresia	287
19. Encontro em Veneza	305
20. O Nome de Jesus	323
21. Sob a bandeira da cruz	345
22. Uma escrivanhinha aberta ao mundo	359
23. Um dia do Geral	375
24. Anatomia da alma	389
25. Tempo de desolação	405
26. Entre o Céu e a Terra	421
27. Para alcançar amor.....	435
28. Os últimos anos da minha vida	453
<i>Apêndice – Historicidade e Fontes</i>	473